

JARROD SIKET passou correndo pela linha de 18 m de seu opositor, querendo desesperadamente pegar a bola que vinha em sua direção. O esguio jogador viu-a descrever uma espiral lá no alto em cima dele, para um local no fim do campo. «Será que não vou conseguir pegá-la a tempo?», pensou, naquele frio dia de novembro de 1993. «Tenho de fazê-lo!»

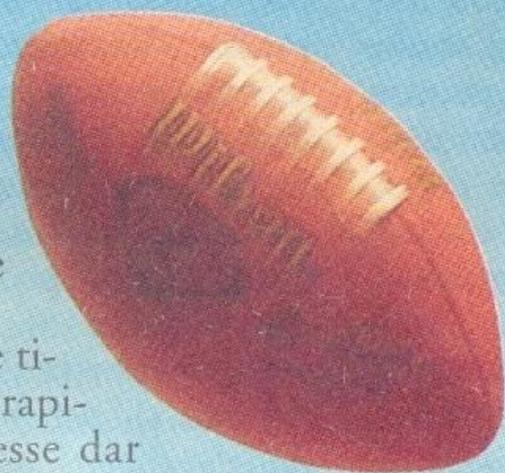
Jarrood sabia que tinha de mover-se rapidamente se quisesse dar o passe de sua vida — não só por ele mesmo, mas sobretudo pelo homem baixinho e barbudo sentado na arquibancada. Todos os sonhos e esperanças daquele homem — seu pai, Joe Siket — estavam ao alcance de Jarrood quando pulou em direção à bola.

JOE SIKET nascera em 1944, numa cidade fabril a leste de Pittsburgh, na Pensilvânia, filho de um operário metalúrgico. «Acredita em ti e nada te poderá deter», dizia-lhe muitas vezes o pai, um homem trabalhador, de ascendência eslovaca.

Dedicando-se arduamente aos estudos, o jovem Joe entrou para a Universidade Carnegie Mellon, em Pittsburgh. Mas o dinheiro começou a escassear, e o rapaz teve de aban-

donar os estudos e arranjar emprego. A desilusão foi grande, uma vez que sonhara ser o primeiro Siket a se formar numa faculdade.

Em 1970, ele se casou com Nancy Carrigan, filha de mineiro. Entrou para os correios como separa-



## «Obrigado, filho»

PER OLA E  
EMILY D'AULAIRE



dor de correspondência, enquanto a mulher trabalhava como enfermeira diplomada. Jarrod nasceu em 1970 e sua irmã, Alyssa, 13 meses depois.

Muito esforçado, Joe foi promovido a supervisor de posto. Os Siket compraram então uma casa. Mas, pouco depois, Joe (uma pessoa forte e aparentemente saudável) soube que sofria de diabetes, mas pensou que conseguiria vencer a doença só pela força de vontade. Como enfermeira, Nancy sabia que isso era impossível, mas Joe não se convencia. «É preciso ter força face à adversidade», dizia sorrindo, invocando o lema que escolhera para a família. Em vez de comentar sua saúde, preferia falar de Jarrod e seu futuro promissor como atleta.

Desde que o filho nascera, Joe desejava que ele viesse a ser uma estrela no esporte — um sonho que em tempos ele próprio tivera, mas que nunca pudera realizar. Aos 9 anos, Jarrod já jogava futebol americano, basquetebol e beisebol, além de praticar atletismo. Joe estava sempre junto às linhas laterais, incitando o filho. «Você pode não ser tão alto como os outros garotos», dizia a ele. «Mas é veloz!»

Quando Jarrod tinha já 10 anos, estava com o pai jogando *frisbee* no quintal dos fundos quando este falhou um lançamento, atirando-o na direção de um arbusto. Mergulhando para pegá-lo, Jarrod caiu no chão, ficando com uma lasca de pedra afiada espetada no joelho esquerdo, mesmo abaixo da rótula.

Os cirurgiões conseguiram recu-

perar os vasos sangüíneos e os músculos afetados, mas disseram que era improvável que Jarrod pudesse voltar a praticar esporte de competição. «Vai ficar puxando sempre um pouco da perna», avisou um deles.

Quando o gesso foi retirado, Jarrod quase não conseguia dobrar o joelho. «Vamos te colocar novamente em campo», garantiu o pai. Em casa, após sessões diárias de fisioterapia, Joe dobrava e desdobrava-lhe cuidadosamente a perna. «Só mais cinco vezes», pedia, quando o filho queria parar.

Jarrod sorria do espírito decidido do pai. «Já sei: força face à adversidade!», dizia.

Mas a persistência de Joe deu seus frutos: ano e meio após o acidente, Jarrod já conseguia andar e correr sem capengar; voltou ao time de futebol, enquanto Joe voltava às arquibancadas, onde já era uma figura conhecida, com sua barba escura, casaco esportivo de xadrez e voz forte.

Joe era também adepto da disciplina rígida. Quando Jarrod tirou a carteira de motorista, impôs a ele um recolher obrigatório à meia-noite — sem exceções. Uma noite, o rapaz chegou em casa depois da hora. Lá estava o pai nos degraus da porta da frente, de mão estendida. Jarrod depositou nela as chaves e perguntou: «Quando é que você me devolve?»

«Daqui a 15 dias.»

«Duas semanas sem carro?», espantou-se Jarrod. «Só por causa de meia dúzia de minutos?»

«Atraso é atraso», respondeu Joe. «Você já sabe as regras.» O jovem aprendeu a lição e nunca mais se atrasou.

Jarrood obteve resultados excelentes no ginásio, tornando-se um especialista em computadores e uma estrela esportiva, especialmente no futebol americano.

**C**ERTO DIA, durante um jogo, Joe ficou muito triste por não ter visto um gol que o filho marcara. Fora logo após o meio-tempo, e Siket conversava ainda com outro torcedor do time. «De agora em diante», disse Jarrood à mesa nessa noite, «se a jogada for para mim, bato três vezes na parte lateral de meu capacete.»

Joe adorou a idéia. Pouco tempo depois, durante outro jogo, Jarrood bateu no capacete. «Lá vai o Jarrood correr para pegar a bola e marcar», sussurrou Joe para os espectadores à sua volta. Instantes depois, a bola subia muito alto e Jarrood agarrava o passe na área. Todo mundo ficou espantado com a previsão de Joe, que se limitou a sorrir.

Embora o esporte dominasse a vida da família Siket, Joe, católico devoto, nunca deixava que este se sobrepusesse às tradições familiares e às tarefas rotineiras. Um dia sagrado era o domingo: «É o dia da família», dizia. «Nada de trabalho nem de jogos em que não possamos participar todos.»

O auge das tradições familiares era a ceia de Natal, em casa da irmã de Joe. Tal como seus pais tinham feito, tia Joanne servia um prato es-

lavo chamado *bolbaike*: bolas de farinha assadas no forno, com chucrute. Jarrood detestava aquele prato, mas para Joe aquilo fazia parte das tradições familiares, ligando o passado com o presente.

Até que houve um ano em que Jarrood se rebelou: encheu as bochechas com *bolbaike* até mais não poder; depois, pediu para ir no banheiro, onde cuspiu tudo. Mas não conseguiu enganar o pai. «Já acabou de comer tudo?», indagou ele, quando Jarrood se sentou de novo na mesa. «Tem aqui mais. Você está com sorte, porque sua tia fez muito!»

Mais uma vez, a lição foi aprendida. «Provavelmente, eu também vou servir *bolbaike* a meus filhos na véspera de Natal!», falou Jarrood, engolindo seu último pedaço.

No penúltimo ano de ginásio de Jarrood, Joe começou a perder a sensibilidade nos pés: a diabetes estava lhe atacando os nervos das pernas. Quando caminhar se tornou demasiado difícil, foi finalmente ao médico. «É grave», comunicou ele mais tarde a Nancy. Começou então a levar injeções de insulina, e pouco depois viu-se forçado a se aposentar por incapacidade.

No ano seguinte, Jarrood recebeu convites de algumas das principais universidades, entre as quais Harvard e Yale. A princípio, não pensou na Carnegie Mellon (era demasiado perto de casa). Mas depois pensou: «Papai nunca perdeu meus jogos no ginásio. Não tenho o direito de ir para longe agora.» Jarrood se inscreveu então na Carnegie Mellon, foi

aceito e entrou para o time de futebol americano no outono de 1990.

Com 1,82 m, mas pesando apenas 77 kg, Jarrod era inferior a seus companheiros em envergadura. No entanto, aquilo que lhe faltava em peso era compensado pela velocidade.

Em seu ano de calouro, os pais não perderam um único de seus jogos, mesmo apesar de Joe ter cada vez mais dificuldades em caminhar. No ano seguinte, Joe ficou cego, mas mesmo assim assistiu a todos os jogos numa cadeira de rodas, com Nancy, a seu lado, relatando o que se passava.

Enfraquecido e incapaz de mover os braços e o pescoço, Joe acabou por ver-se confinado a uma cama de hospital em casa, ouvindo os jogos via rádio. Pouco depois, começou a fazer diálise três vezes por semana, para lhe ser purificado o sangue.

Apesar da doença que dilacerava seu corpo, Joe se recusava a desistir de seu passeio em família preferido: uma viagem pré-natalina a uma floresta situada nas montanhas, onde colhia uma árvore de Natal. Depois, na primavera, plantava-a no jardim. «Este Natal não será diferente dos outros», disse em dezembro de 1992.

Na floresta, Jarrod carregou o pai pela neve, encosta acima. Joe pediu-lhe para lhe dizer assim que visse a árvore perfeita. Após uma busca estafante, Jarrod exclamou finalmente: «Ei! Encontrei: aquela é nossa árvore para 1992!»

De volta a casa, Joe sorriu. «Por muito doente que esteja, nunca deixarei de fazer esta viagem», assegurou.

**N**O VERÃO anterior ao último ano de Jarrod na universidade, as contas do médico começaram a exceder bastante as quantias recebidas pelo seguro de saúde de Joe, que passou a necessitar de uma enfermeira a tempo inteiro. Nancy deixou o emprego para tratar do marido. Jarrod ofereceu-se para desistir dos estudos e ir trabalhar, mas Nancy não quis ouvir falar no assunto. «Se você desistir durante a época de futebol americano», disse, «isso será um golpe demasiado rude para seu pai.»

Jarrod não discutiu. Sabia que uma das coisas que o pai mais queria era estar presente no Dia dos Pais, em Carnegie Mellon. Nesse dia, no último jogo da época, os pais dos finalistas desciam ao campo com os filhos. Joe insistia em querer estar presente no último jogo de Jarrod.

Nesse outono, continuou a ouvir os jogos todos. Até que, no penúltimo jogo da época, Jarrod estava próximo de bater o recorde da universidade em maior número de metros por passes recebidos numa só época. Então, próximo do intervalo, o comentador informou: «Vamos parar a transmissão deste jogo no intervalo para retomar nossa programação normal.»

«Depressa!», disse Joe, chamando Alyssa. «Telefona para a estação!»

Ela marcou o número, segurando no auscultador próximo do ouvido do pai. «Daqui fala Joe Sicket», berrou ele. «Meu filho só precisa de 11 m para bater um recorde da universidade. Se vocês cortarem a transmissão, vou ficar danadíssimo!»

Momentos depois, seu rosto se iluminou num sorriso: a estação decidira continuar a transmissão do jogo! A Carnegie Mellon venceria e Jarrod bateria o recorde.

Ficava agora com mais dois recordes ao seu alcance: maior média de metros por cada passe apanhado e também maior número de *touchdowns* numa só época.

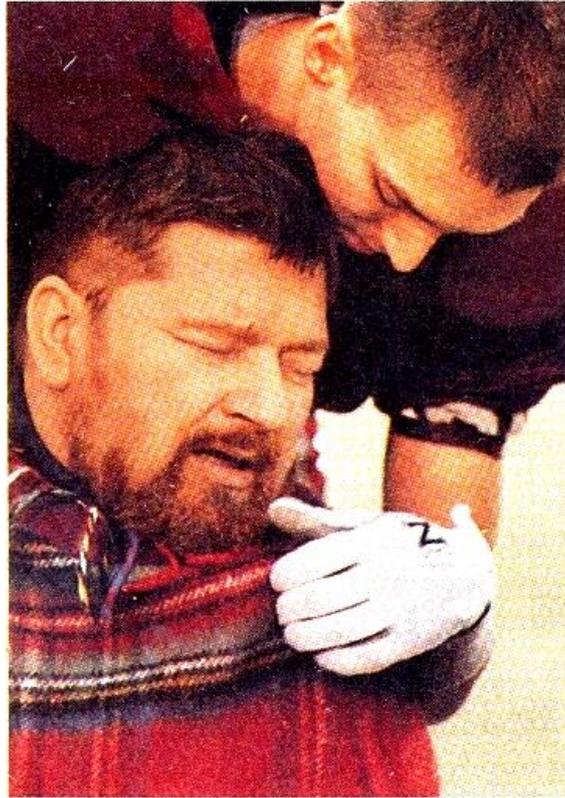
**O** DIA dos Pais, sábado 13 de novembro de 1993, amanheceu frio e chuvoso. Jarrod sabia que o pai não tinha nada a fazer na rua com um tempo daqueles. No início daquela semana, Joe chegara mesmo a desmaiar durante a diálise, sendo reanimado pelos paramédicos. Nancy tentou convencê-lo a ficar em casa ouvindo o jogo.

«Não perco essa festa por nada desse mundo», retorquiu ele. Como Nancy bem sabia, era inútil se opor. Compreendeu ainda que tudo aquilo que o marido sofrera e agüentara fora por causa daquele evento.

No estádio, Joe foi colocado numa cadeira de rodas e embrulhado num cobertor. Dava gosto ver os três Siket, quando desfilaram com os outros alunos e seus pais pelo campo. «Número 3, Jarrod Siket e seus pais, Nancy e Joe Siket!», anunciou

o alto-falante. Jarrod e Joe tinham sido mencionados na imprensa local nessa semana e os espectadores se levantaram numa grande ovação.

«Estão te aplaudindo!», disse Joe a Jarrod.



Joe e Jarrod Siket no Dia dos Pais.

«Não, papai», respondeu Jarrod. «É você quem eles aplaudem!» Nunca até então vira tanta felicidade no rosto do pai.

De volta às arquibancadas, Joe parecia em transe enquanto ouvia o jogo. No primeiro tempo, Jarrod bateu o recorde de maior número de metros por cada passe apanhado.

Joe gritou de alegria: «Já só falta um recorde!»

Jarrod precisava de dois *touchdowns* (lance em que a bola é arremetida ao solo atrás da linha de gol do adversário) para bater o recorde de maior número de passes apanhados na área de validação; terminada a primeira parte, ainda não marcara quaisquer pontos. Decidido a não deixá-lo marcar, o outro time colocara dois jogadores na marcação. Até que, já o terceiro tempo ia avançado, Jarrod pegou um passe longo já dentro da área de validação. Atirando a bola no chão, apontou triunfante para o local onde o pai se encontrava sentado.

Durante a maior parte do último tempo, Jarrod tentou livrar-se dos jogadores que o marcavam, mas sem sucesso. Até que, a poucos minutos do fim, o *quarterback* fez-lhe sinal de que ia passar a bola. «Corre e não desiste», disse-lhe. Pouco depois, inclinava-se para trás, lançando-lhe uma bola longa.

Para Jarrod, o tempo parou. Sabia que esta seria sua última oportunidade de proporcionar ao pai o momento pelo qual este tanto esperava. «Nem mesmo um jogador de 270 kg me deteria agora», disse para si próprio. «Força face à adversidade!»

A bola parecia demasiado alta enquanto Jarrod disparava para a área de validação. Começou a descer, preparando-se para cair um pouco para lá do alcance dos braços do atleta. No último momento, Jarrod pulou. Ao mesmo tempo, dois defensores caíram sobre ele. Demasiado tarde: Jarrod caiu já na área de validação, com a bola bem presa junto ao peito.

«Com seu nono *touchdown* do ano, Jarrod Siket estabeleceu outro recorde em Carnegie Mellon!», proclamou o comentador.

Dessa vez, as lágrimas escorreram pelo rosto de Joe. Minutos depois, a partida terminava e a CM vencia. Os amigos de Joe carregaram-no em triunfo, com cadeira de rodas e tu-

do. Jarrod colocou a bola nas mãos do pai. «É sua!», disse. «Você merece.»

A voz de Joe tremia de emoção: «Obrigado, filho.»

Nessa noite, deitado, Joe recordou os acontecimentos daquele dia com o filho. «Sempre que você vir seu nome naquele livro de recordes, saberá que seu pai esteve lá naquele dia.»

Nancy entrou no quarto de Joe às seis horas do dia seguinte; ele disse que queria repousar até chegar a enfermeira auxiliar. «Vou ficar deitado, pensando em todas as coisas boas que aconteceram», explicou. Sorrindo, fechou os olhos. Por volta das 8 horas, 16 após ter incitado seu filho à glória, Joe Siket faleceu enquanto dormia.

Quatro dias depois, ao lado da mãe e da irmã, Jarrod estava ajoelhado durante a cerimônia fúnebre do pai, apertando a bola daquele último jogo nas mãos. Ao som do órgão, recordou aquele dia: «Alguém terá gozado melhor seu último dia de vida que meu pai?»

Em dezembro, Jarrod foi até a floresta. Subindo a encosta escarpada, examinou as árvores uma a uma até ficar satisfeito. «Eu trouxe a árvore perfeita», disse à mãe e à irmã, ao voltar para casa. «Vamos plantá-la de novo na primavera.»

FOTOS: PÁGINA 71, © DE RICHARD HUTCHINGS; PÁGINA 75, © DE KEN ANDREYO

---

## Sob controle

AS PESSOAS com sorte são as que controlam tudo; as que não têm sorte são as que são controladas por tudo.

— Eugène Labiche